



INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES – BHU

DIANA DUARTE SÁ

O CRIOULO DE GUINÉ BISSAU NOS CAMPUS DA UNILAB-CEARÁ, 2022-2023

ACARAPE

2023

DIANA DUARTE SÁ

O CRIOULO DE GUINÉ BISSAU NOS CAMPUS DA UNILAB-CEARÁ, 2022-2023

Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) em formato de projeto de pesquisa, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB).

Orientadora: Profa. Dra. Natalia Cabanillas

ACARAPE

2023

SUMÁRIO

2.	INTRODUÇÃO	7
3.	JUSTIFICATIVA	9
4.	OBJETIVOS	10
4.1.	Objetivo Geral	10
4.2.	Objetivos específicos:	10
5.	METODOLOGIA	11
6.	Revisão bibliográfica	13
6.1	Origem do crioulo bissau guineense	13
6.2	O uso do crioulo na independência de Guiné Bissau	17
7.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
	O crioulo guineense e o preconceito	19
8.	BIBLIOGRAFIA	22
9.	ANEXOS	24
9.1	Formulário para estudantes falantes do crioulo	24
9.2	Tradução para crioulo	24
9.3	Formulário para estudantes não falantes do crioulo	24

RESUMO

A língua crioula é constantemente questionada pelos estudantes não guineenses na UNILAB, tornou-se inclusive uma discussão cotidiana entre alunos, acompanhado de muita indagação, incômodos, e até afastamento por parte de alguns alunos/as. O trabalho tem como objetivo analisar a ligação do crioulo de Guiné Bissau com os estudantes não guineenses e guineenses, podendo assim, apresentar os estranhamentos e preconceitos de uns, assim como o vínculo entre língua e identidade para outros. Para desenvolver pesquisa, foi iniciado um levantamento bibliográfico e a revisão dos debates acadêmicos em torno da origem e história da língua crioulo; foram realizadas entrevistas exploratórias, e ainda se prevê uma segunda fase de entrevistas com 4 pessoas de cada nacionalidade que integra a Unilab; e a observação etnográfica intensiva, com uso de caderno de campo para o registro de situações vivenciadas na universidade, e onde a comunidade unilabiana se encontram para socializar. Diante disto, o resultado preliminar das entrevistas exploratórias e das observações etnográficas apontam que existem inquietações dos alunos não guineenses sobre o uso do crioulo, o conflito que estes têm frente a utilização do crioulo, a julgam como uma língua desvantajosa. Por último, entende como essa língua é valorizada pelos estudantes guineenses, tendo em conta o seu passado histórico na luta pela libertação nacional, onde desempenhou funções importantes ajudando na comunicação entre todas as etnias. Por sua vez, depois da independência, sua expansão cresceu muito mais, tornando-se a língua mais falada com 90,4%: como consta nos dados da INEP. Para finalizar este projeto, pretendo trabalhar mais a fundo com estudantes da UNILAB/CEARÁ através das nossas convivências seja acadêmica ou fora dela, podendo assim, trazer esse conflito a fim de dialogá-lo com as revisões bibliográficas.

Palavras-chave: Unilab; Guiné-Bissau; estudantes; crioulo

Tradução em Língua crioula

Língua kriol i un língua ki studantis kika sedu guineensi ta n'truga tudu dia na Unilab, gos i sedu diskutisson di alunus di kada dia, ita mostar incomodasson, indagasson i ate afastamentu pa parti di utrus alunus. No tarbadju tene suma obijetivu mostra kal ki ligason ki língua kriol tene ki studantis guineensi i tambe k utrus studantis kika guineensi . Assin pa pudi mostra stranhamentu i preconceito pa utrus, assin tambe pa utru ladu pa mostra kal ki ligason di língua k identidade. Pa disinvolti e pisquisa no kunsu ki pisquisa bibliográfica, nunde ku no faci leituras di livrus academeku sobri lugar nunde k língua kriol bin; no faci intirvistas sploratoriu, i no pensa fassi inda sugundu fazi di intirvista k cinco pekadur di kada nacionalidade ki sta dentru di Unilab; kadernu di kampu i sirbi pa bata djubi pa analisa situasons kuta odjadu na universidadi i tambe nunde k kumunidadi unilabiana ta kontra.

Dianti des, purmure rusultadu di intirvistas sploratoriu i di observason etnográfico mostra kuma i ten inquietação di alunus kika sedu guineensis riba di usu di lingua kriol, purbulema k tene dianti di utilizason di kriol, suma un lingua kika tene vantagen, na usu i suma tambe na propi lingua ,diferenti di utrus linguas ku no ta odja na universidadi, suma inglês, francês ou espanhol. Pa ultimu, buta n'tindi kuma ke lingua valorizadu pa studentis guineensis, pabia di se passadu histórico na guerra pa libertason nacional, nunde ki disimpenha funsons importantes i djuda tudu etinia pe papia entri elis. Dipus di independência, i mas kirsi pa tudu ladu, pabia des i sedu lingua k mas papiadu ki 90,4% suma kuma ki sta na dadus di INEP, manga di djintis tene e lingua suma purmeru, sugundu i ultimu idioma na se vida. Pa kabanta e projetu, n'dizeja tarbadja mas fundu ki studentis di UNILAB\CEARÁ através dino vivencia suma studentis i fora di academia, pa no pudi tissi kil purbulema pa diskutil ki rivizon bibliográficos, nunde kina sedu raspostas o sulusson pa no obietivus, pa pudi mostra o tissi e ligasson forti di usu di kriol di Guiné-Bissau ku guineensis suma afirmason di pertenssimentu i na memu tempu i pa mostra preconceito pa parti di studentis kika sedu guineensi manera ki sedu lingua africana kuta papiadu pa africanus.

Palabras-tchabi: Unilab; Guiné-Bissau; studentis; kriol.

2. INTRODUÇÃO

Em março de 2023, em resposta à pergunta “Qual foi a sua primeira impressão ao escutar a língua crioulo da Guiné-Bissau”, o entrevistado número cinco (5) de nacionalidade são tomense diz que o crioulo causou uma sensação estranha pela primeira vez que escutou e lhe fez pensar que era algo fora do comum”. Em seguida, afirmou que “o crioulo se torna negativo pelo simples fato de ser falado perante a presença dos brasileiros [porque] podem achar que estão falando algo de errado aos seus respeitos, com isso, traz um enorme desconforto e como também pode trazer conflito”

Conforme as observações anotadas nos cadernos de campo de 2022 e 2023, no contexto da Unilab Ce, repete-se a ideia de que o crioulo não deveria ser falado pelos estudantes guineenses perante a presença dos estudantes que não são falantes dessa língua. As pessoas reagem como se o crioulo fosse uma língua fora da norma, e com um olhar negativo, apresentam uma ação julgadora sobre qual língua deve ser falada dentro da Unilab.

Com esse pensamento, o uso do crioulo é visto como maior obstáculo para que os discentes de outras nacionalidades se aproximem dos estudantes guineenses, porque, conforme os primeiros, o uso do crioulo impede ou dificulta a interação entre ambos. Diante disso, percebe-se o conflito que o uso da língua guineense enfrenta por parte dos estudantes não guineenses, através das perguntas dirigidas a todo momento aos guineenses, que indicam a não aceitação dessa língua no próprio espaço universitário. Assim, fica evidente de que forma essas pessoas se sentem afetados com a presença do crioulo guineense, e, quão é desprezível e diferenciado o crioulo das outras línguas na academia, como o francês, inglês ou espanhol.

O problema de pesquisa está centrado em analisar a presença do crioulo guineense na UNILAB\Ceará, qual a concepção da comunidade acadêmica dos estudantes unilabianas do Ceará sobre sua utilidade, podendo assim apresentar a representação de um lugar de identidade para uns e de negação para outros. Dito isso, este projeto problematiza e analisa os conflitos e tensões em torno do uso do crioulo bissau-guineense no contexto da Unilab Ceará. Neste trabalho vai ser abordado a língua crioulo da Guiné-Bissau, trazendo o seu passado histórico como sustento e a marca forte do seu presente hoje em dia na população, no país de origem e na diáspora. Como também no ambiente universitário, respectivamente a sua comparação e inferiorização da sua utilidade por ser uma língua africana, e no que diz respeito ao lugar onde é utilizada e das pessoas que a falam. Para isso serão realizadas a análise da bibliografia sobre a constituição histórica do crioulo bissau guineense, entrevistas semiestruturadas com estudantes de diversas nacionalidades, assim como também observações etnográficas em espaços de convivência de estudantes da Unilab.

A Unilab recebe estudantes de seis países da África, Moçambique, Angola, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Timor Leste. Destas comunidades residentes no estado do Ceará, a guineense é a mais numerosa, assim o uso do crioulo é bastante notório tanto na universidade quanto nos municípios de Redenção e Acarape. Conforme dados estatísticos da página web “Unilab”, o semestre 2022.2 tem 3.940 alunos de todos os cursos, em que estudantes brasileiros têm um 2.773, e um número 1.167 dos estudantes estrangeiros de toda nacionalidade que estão na Unilab.

Do total dos estudantes estrangeiros ativos, verifica-se duas comunidades com maiores números, a primeira Guiné-Bissau com 12, 85%, com 396 alunos, e segunda a Angola 10, 74% com 331 alunos. Como mostram os dados, guineenses são mais numerosos, entretanto, crioulo é segunda língua mais falada além do português. Primeiro porque a sua comunidade,

além de ser maior, em relação aos estudantes dos outros países estrangeiros, tem uma língua em comum, independente da quantidade de línguas que existem em cada território, e ainda por sinal, valorizam mais essa língua e isso faz com que seja percebida pelos outros, se a valorização não fosse o caso pode existir o número que for mas o seu uso não seria notado.

Em Guiné Bissau, o crioulo é falado por 90,4% dos habitantes, contra um 27, 1% de pessoas que aderem ao português, segundo o (INE) instituto nacional de estatística do censo (2009). A relevância do crioulo sucede apesar do crioulo guineense ter surgido num momento de muito sofrimento e desumanização: que é na época da colonização e escravidão, no final do século XVI e para o começo de século XVII. Inclusive, houve um período durante o século XX, em que os colonos usaram estratégia de proibir seu uso, a fim de cortar o seu crescimento. Mesmo com toda tentativa de eliminar o crioulo, não conseguiram. E acabou por ser língua da unidade e libertação nacional, como afirma Filomena Embaló (2008, p. 102-103).

3. JUSTIFICATIVA

A escolha do tema apareceu através de um questionamento dirigido a mim na sala de aula da disciplina Expressões Artísticas e Estéticas Contemporânea em 2022: “Diana, porque é que vocês guineenses gostam de falar crioulo, não devem fazer isso, não é bom. Devem falar o português”. Refleti bastante a respeito, de modo que isso despertou uma vontade enorme de escolher a língua guineense para pesquisar. Primeiro ponto, foi com crioulo que comecei a falar minhas primeiras palavras, e, ele sempre foi minha primeira língua embora na minha casa também se falasse mancanhi de vez em quando. Eu cresci vendo e ouvindo pessoas que me rodeiam se comunicando nesse idioma. Todas as histórias e adivinhas contadas pelos mais velhos, histórias que escutei durante minhas fases de crescimento foi em crioulo de Guiné-Bissau, as brincadeiras de diversões que pratiquei nesses anos de vida, se realizavam porque o crioulo sempre esteve presente ajudando e facilitando na comunicação. Passei meus 22 anos de vida expressando na língua Bissau guineense, em todos os lugares que frequentei como, palácio de justiça, palácio de governo, hospitais, na polícia, baladas, igrejas e nos campos desportivos as pessoas se comunicam nessa língua. Até nas escolas que estudei onde a língua do ensino é português, mas, nunca me impediu de usá-lo fora de sala de aula.

Eu fui ensinada a olhar o crioulo como qualquer outra língua no mundo, fui ensinada a valorizar e priorizá-la em todos os lugares. Há um ditado guineense em crioulo: *kil ki dinos ten balur* quer dizer “aquilo que é nosso tem valor”. Assim, não importa onde estamos e com

quem, mas nunca devemos esquecer e valorizar o que é nosso. Cresci com esse pensamento de valorização, lembro que até na escola me recusei a falar português dentro da sala de aula, preferi ficar calada a aula toda porque o professor proibiu falar crioulo; já apanhei castigos por falar crioulo na turma. Por exemplo, após falar crioulo, tinha que subir escadas com velocidade sem parar até completar certos minutos, determinados pelo professor, e se eu não conseguisse teria uma palmatória; também paguei multa de um valor simbólico por falar crioulo durante as aulas de ensino médio. Lembro de criticar meus colegas quando estes preferiam falar português mesmo estando fora do recinto escolar, na época, eu estava com 17 anos de idade.

Mas mesmo com essas revoltas e luta de falar crioulo, nunca consegui explicar de uma maneira profunda e entender por que eu fazia críticas, só sabia ou sentia que no lugar de português, era crioulo que devia estar presente. Pisando na UNILAB, foi um choque no que diz respeito a sua utilização: nunca pensei que cruzaria com pessoas de outras línguas fora da Guiné Bissau, e muito menos que o uso de crioulo seria um problema. Com os alunos não guineenses, acabei descobrindo algo novo: parecia que nunca vão olhar e considerar de uma forma positiva a língua crioulo guineense no mesmo patamar que o português ou outra língua europeia. Pela experiência, as pessoas sinalizam que o problema se encontra tanto no uso como na língua, como se ela fosse ruim ou sem importância.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

- Analisar os conflitos em torno do uso do crioulo guineense no contexto da Unilab – Ceará entre os anos 2020- 2023.

4.2Objetivos específicos:

- Explicar a construção sócio- histórica da língua crioulo Bissau-guineense.
- Mapear as reações e opiniões de estudantes guineenses e não guineenses em torno do uso do crioulo

5. METODOLOGIA

Para desenvolver meus objetivos específicos, a fim de alcançar resultados da pesquisa, aplicarei diferentes caminhos metodológicos. Para expandir o tema sobre origem e história do

crioulo guineense, na pesquisa bibliográfica, serão revisados os textos acadêmicos que diz respeito a origem histórica da língua crioula, situada no período tráfico de seres humanos; e também o seu uso posterior, da escolha do crioulo como língua da libertação nacional e de unificação das lutas, inclusive como uma das estratégias para fortalecer a unidade e serem livres dos colonizadores portugueses; e a adesão ao crioulo no período independente: sua utilidade tem sido se demonstrada num nível de padrão muito alto, exemplo em casa como língua de dia a dia, nas ruas, nos mercados, nos lugares de diversões, nos lugares do trabalho privado e público, nas escolas e em todos lugares onde o povo se reúne.

No segundo e último objetivo o foco é mapear as reações e opiniões dos estudantes guineenses e não guineenses sobre o crioulo, pretendo trabalhar com entrevistas semiestruturadas e formulários, caderno de campo, observação e análise de situações na universidade, sobretudo nos espaços onde a comunidade unilabiana se encontram ou frequentam (mercado, festas, no campo desportiva, na igreja). Mencionei estes locais pelo fato de serem os espaços de encontro e passa tempo dos estudantes, o lugar de convivência. Rosália Duarte (2002, p. 143-144) alega que na metodologia de cunho qualitativa não é fácil dizer logo no início um número exato ou quantidade das pessoas que serão entrevistadas, visto que o que indica este limite dos números dos\os entrevistados\as são informações dependendo se são bons, importantes e suficiente para pesquisa, como também por outro lado vai depender se as informações coincidem várias vezes no mesmo ponto, ou quando as opiniões tomam rumos diferentes. Para a autora, quando isso acontece, quando se abre novos caminhos que nos levam a uma nova possibilidade de obter dados, o trabalho de entrevista deve prosseguir. As entrevistas com guineenses serão também umas das formas de trazer para o trabalho diferentes opiniões de ver o uso da língua fora do seu espaço original, porque pode haver alguns que, mesmo concordando que o uso da língua crioulo é uma afirmação de identidade, na prática vão apresentar uma posição diferente.

Visto que o último objetivo específico envolve mais questões de preconceito linguístico, serão realizadas entrevistas com quatro estudantes de cada nacionalidade que compõem a UNILAB, incluindo os guineenses. Quanto à forma como os estudantes responderão, serão plantadas várias opções e cabe cada um/a dele/a dependendo de como os/as mesmos/as vão se sentir à vontade ao responder. Pode ser presencial, ou, pelo WhatsApp mandando mensagens ou áudio, depende do meio que a pessoa escolher. Como explanei no parágrafo acima, nem todos vão se sentir bem com a minha presença para falar a

respeito do assunto, por eu ser falante da língua crioulo, e pelo fato de eu ter um posicionamento público sobre o uso do crioulo guineense.

A criação dos formulários das perguntas será elaborada de forma diferenciada, dependendo do qual tipo de estudante está dirigido: falante ou não falante de crioulo guineense, e vale ressaltar que por questão da própria língua da pesquisa, os guineenses terão um formulário com questionários específico e escrito em crioulo. Pelo motivo dos próprios guineenses serem falantes do crioulo não, podem ter as mesmas questões que os não guineenses. Obter informações sobre preconceito linguístico envolve uma questão um pouco constrangedora, sobretudo se quem responde o questionário é um perpetrador do preconceito e quem pergunta tem sido vítima desse preconceito.

No início do projeto em 2022, trabalhei com formulários de discentes não guineenses de perguntas abertas e não teve um resultado muito bom, porque nem todos fizeram retorno das respostas. Encaminhei 14(quatorze) questionários e recebi 7(sete) respostas. Escutei e me posicionei em três pontos, como pesquisadora, acadêmica e como guineense que sou. Pela experiência de vida na Guiné Bissau, eu valorizo nosso crioulo, com isso, tem momentos da entrevista nos quais surgiu a vontade de contrariar. Aí lembro que tenho que ser profissional, não me posicionar como guineense e não mostrar a inquietação que surgiu naquele momento, também lembro que como pesquisadora tenho missão de provocar a pessoa falar.

Tem pessoas que são abertas e conseguem falar livremente a respeito de um determinado assunto; tem outros que não, não expressam o que querem quando tem um/a entrevistador/a na frente. Constatei uma diferença entre incômodos reais manifestados pelos estudantes não guineenses, frases de censura no dia a dia, e um discurso diferente nas entrevistas e formulários. Motivo este que me obrigou a adotar esse método, a trabalhar com caderno de campo, onde vou acompanhar ou fazer observações que envolvem a língua crioulo. Na base disto, tais observações passarão por uma análise para depois ser incluída no trabalho. Os diálogos serão registrados nas línguas que aconteceram, podendo ser português ou crioulo. As anotações e descrições das situações serão elaboradas em crioulo, e só após da análises e escolha de trechos para serem citados, será realizada a tradução para o português com a finalidade de incluir na escrita dos resultados de pesquisa.

6. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: origens e histórica do crioulo bissau- guineense

Para prosseguir, esta pesquisa focaliza-se em apresentar a sua organização em duas partes. O primeiro ponto, discute a criação da língua crioulo que hoje é utilizado na Guiné-

Bissau, apresentando múltiplas teorias sobre seu espaço geográfico de nascimento como também da população que o fez existir, para depois ser aderido pelos demais países africanos da língua portuguesa, de modo especial na Guiné-Bissau. No segundo e último ponto, aborda o uso de crioulo no momento da colonização e particularmente na luta de independência nacional da Guiné-Bissau, que na altura serviu como uns dos mecanismos de união guineense na questão do combate contra colônia portuguesa para serem livres e autônomos, apresentar também a resistência do povo guineense no que diz respeito ao crioulo quando teve sua proibição pelos portugueses. Por outro lado, apresentamos a inferiorização das línguas africanas fora das suas sociedades ou comunidades pelas pessoas não africanas, o não reconhecimento e consideração do seu uso na frente das línguas coloniais na Unilab Ceará.

6.1- Origem do crioulo bissau guineense

Nesse primeiro momento destacamos distintas hipóteses dos entendimentos dos autores no que indica o berço do crioulo como língua de relação da convivência entre africano (guineenses) com os portugueses.

Para o Intipe, tendo em conta a situação de colonização que estava ocorrendo no momento, exigiu que comunidades com línguas distintas que compartilham os mesmos lugares, uma grande necessidade de manter diálogo entre si, desse modo, apareceu a língua crioulo através da comunicação. Ainda, Intipe frisa que se transformou na língua materna daquele lugar, pelo fato dele ser o primeiro, único e novo idioma em que esses grupos linguísticos se comunicarem e mantinha uma relação além das suas línguas étnicas, e por se tornar numa língua em que a sociedade se interagem dia após dia. (Intipe, 2018, p.29).

Depois da apresentação da fonte do crioulo pelos diferentes autores apresentados pelo Intipe, deixou claro que, para ele, a comunicação seria o motivo principal do surgimento do crioulo. Mas não especificou qual seria a comunidade que teve essa necessidade: se era para se comunicar entre comunidades africanas ou entre guineenses e portugueses, mas, nas páginas a seguir Intipe afirmou que a sua finalidade não se direciona a dizer de onde vem os crioulos cabo verdiano e guineense, mas se apoia no conceito de Rougé para afirmar que o crioulo desses dois países vieram da mesma base: do português. Aqui podemos perceber duas posições do Intipe: por um lado, ele mesmo não menciona qual é sua ideia sobre a criação do crioulo; por outro lado, ele concorda com Rougé (1986, apud Intipe) na ideia que o português seria a mãe dos crioulos de Cabo-Verde e Guiné- Bissau. Na base disto, afirmo que o autor Intipe caracterizou a origem do crioulo desde o momento que apoiou Rougé, visto que ao

dizer que um conceito é certo e verdadeiro é o mesmo dizer que foi exatamente o que o autor queria aprovar.

Segundo Naro, (1978:38) citado por Barbosa (2015, p. 11), o crioulo é uma língua que se criou embasado no português, que nunca existiu na África como outras línguas locais, mas sim, que foi pensada de forma consciente, planejada e criada na Europa. Só depois que o crioulo teria ocupado uma parte do continente africano crescendo em todo seu território e sendo valorizado. Para José Augusto Barbosa (2015, p.13), a criação de história de alguns crioulos, em todo caso, se verifica dentro do processo da escravatura no tempo colonial, das pessoas escravizadas transportadas para fora de África, ao chegarem, aqueles que são da mesma etnia não podia manter no espaço de convivência e eram mantidos uma longe da outra, os que estavam juntos eram de comunidades diferentes, com isso, acabou aparecendo uma obrigação dessas pessoas com etnias distintas se comunicar. Assim, o crioulo se formou através de diferentes línguas étnicas que se misturam. Não ficou transparente a posição de Barbosa na formação do crioulo, apesar de ele trabalhar com autores que destaca esse assunto, ele não se posicionou apontando o lugar concreto, mas tudo indica nessas passagens que ele dá uma centralidade ao Português, ou aos espaços nos quais as pessoas raptadas para a escravidão eram reunidas, a saber, os arquipélagos de São Tomé e Príncipe e Cabo Verde.

Ainda para Filomena Embaló (2008, p. 102-105) foi o português que deu a existência a língua crioulo tendo a gramática e léxico próprio. Este, se formou através do encontro da língua portuguesa e africana, permitindo que ambas se dialoguem e que os próprios africanos se entendam entre si. Vai afirmar que, a Guiné Bissau é um dos pouquíssimos países nos qual língua étnica não governa como língua franca, isto tudo, não aconteceu porque o crioulo consegue dominar e ganhar força sobre outras línguas.

Todos os autores parecem coincidir nos séculos durante os quais o crioulo emerge como língua, não acontece o mesmo com o local. Embora se encontrem histórias que determinam o lugar onde o crioulo guineense surgiu, nenhuma delas foi considerada como definitiva, porque uma se difere da outra, ainda tem um espaço aberto ou uma lacuna que precisa ser preenchida. Podemos abrir um espaço de perguntas na comparação com a realidade desses países onde o crioulo foi supostamente criado para autores. No geral, nota-se de enorme diferença entre crioulo de Bissau e Cabo-verde, assim, a teoria de uma origem comum de ambos crioulos precisaria ser comprovada cuidadosamente. Por outro vale levantar inquietação sobre o crioulo ter nascido na Europa. O autor Naro (1978), citado por Barbosa (201, p.11), afirma que o crioulo nasceu na Europa. Cabe se perguntar então, por que não tem

rastro do crioulo em Portugal, já que foi a fonte de crioulo e que era ali onde se encontrava a escola da língua na qual as pessoas ensinavam e aprendiam crioulo. Isso provoca uma reflexão curiosa: não há nenhuma zona dentro do Portugal com um número de pessoas que sabem falar crioulo (tirando as comunidades bissau-guineenses). Se a teoria de Naro fosse verdade, como explicaria que em 1920 Portugal proíbe a língua crioulo na Guiné-Bissau, como afirma Filomena Embaló (2008). O crioulo foi proibido como tantas outras línguas africanas, consideradas como línguas de pessoas não civilizadas.

Existem ainda outros estudiosos que mostram possibilidades diferentes do berço do crioulo. Para Peck (1988; 85-86), Kim(1994) e Rougê (1986:37) citados todos eles e analisados por José Augusto Barbosa (2015, p. 12), a origem do crioulo não condiz com Portugal, e esta língua teria nascido em Cabo Verde. Na época, Cabo Verde funcionava com economia de plantação e como entrepostos de tráfico de seres humanos desde África para as Américas. Assim, nas ilhas se encontravam pessoas de diversas origens africanas. Um argumento chave é o fato de que o maior número dos falantes de crioulo se encontra em Cabo Verde e Guiné Bissau; os autores se baseiam no fato de que muitos cabo-verdianos viajaram para Bissau naquela época, favorecendo a dispersão da língua. Inclusive muitos cabo-verdianos foram trabalhadores do governo português, aqueles que faziam parte da administração colonial no momento de controle da colônia continental que foi Guiné de Cabo Verde e Cabo Verde era capital.

Essa afirmação não me convence, pois na minha experiência pessoal, o crioulo cabo-verdiano é consideravelmente aportuguesado, e diferente do crioulo de Bissau. O crioulo cabo-verdiano pode ter surgido através do crioulo guineense e português, por possuir muitas palavras em português e poucas em crioulo de Bissau-guineense. Lembro das músicas e do programa “NHA TERRA NHA KRETCHU” de Cabo-Verde que se passava na televisão de Bissau (TGB), não entendia algumas crioulas e as que entendiam eram palavras portuguesas.

Ainda sobre a origem do crioulo, o autor Barbosa menciona:

se, como nos dizem os próprios guineenses, “língua e raça” (a língua é etnia), as diferentes línguas acabariam por dividir o estado. Ter-se-ia que procurar uma outra língua que servisse de expressão da unidade nacional. Diante desse estado de coisas, foi inevitável a valorização de uma língua que espelhava a fusão da cultura europeia com a africana que, desse modo, passou a ser o único princípio unificador da mosaico étnico e linguístico guineense. Essa língua é o crioulo”. José Augusto Barbosa (2015, p. 11).

Não podemos dizer simplesmente “fusão da cultura europeia com africanos”, quando na verdade não é o caso: nunca foi uma união propriamente dita. Ficou evidente quais foram os processos utilizados para que essa união se concretizar: violência, força, poder,

apagamento das identidades africanas e de suas existências como seres humanos. Onde é que entra essa fusão, se essas pessoas são obrigadas a aderir a uma cultura e língua querendo ou não. Uma “fusão” parcial que não dá liberdade e autonomia aos guineenses.

O autor Alexandre Antônio Timbane (2018,p. 114-115), reprovou todas teorias que afirmam que o lugar de origem do crioulo seria fora de África, e que seria uma língua de base portuguesa; ele afirma que esses autores falaram isso devido a que os portugueses foram dos primeiros em chegar nas costas de África com fins de exploração. Mas mesmo assim, só isso não comprova e muito menos seria suficiente para ser verdade. De fato, essas populações tinham línguas nas quais se comunicavam antes mesmo dos portugueses terem pisado nesses territórios , e isso interferiu na criação do crioulo. Depois de todas as análises sobre criação do crioulo que o autor Alexandre Antônio Timbane fez, chegou conclusão de que o colonialismo provocou a coexistência de populações africanas nos mesmos territórios, mas não por isso foi criador das línguas; para ele, as línguas como o crioulo se construíram naturalmente, nesse caso se refere ao seu surgimento fruto da interação entre línguas africanas, sem interferência ou com ajuda do português. Ainda vai reforçar que os próprios portugueses eram contra o uso do crioulo e fizeram de tudo para que o crioulo não fosse falado, mas, não aconteceu por motivo dessa língua ser natural para os colonizados, uma língua útil para se comunicarem, (TIMBANE, 2018, p. 122).

Conforme a bibliografia revisada, ainda considero que o crioulo surgiu na Guiné-Bissau, onde estão a maioria dos seus falantes, a menos que outras hipóteses sejam demonstradas com evidências fortes. Entretanto, convém levantar um questionamento sobre esses autores que direcionam a Europa como mãe do crioulo, primeira reflexão, se esses mesmos autores não querem enfrentar ou não sentem capacitados bastantes para contrariar e dizer verdade verdadeira, vale perguntar ainda se esses autores não têm mentes colonizados, se posicionam assim para serem reconhecidos no mundo europeu a fim de sentirem mais privilegiados, ou porque sentem ameaçados com línguas africanas ou é mais pelos seus livros serem publicados e valorizados por prestigiar a Europa?

6.2- O uso do crioulo na independência de Guiné Bissau

Nessa parte espelhamos dois momentos, a primeira que é a tentativa da eliminação do crioulo pelo Portugal como armadilha utilizada a “civilização”, para assim enterrá-lo de vez e isso daria vantagem para o domínio sobre os guineenses, e o último foi o valor que a população da Guiné-Bissau atribuiu ao crioulo levando em consideração o seu desempenho

no momento da luta armada que faz com que o crioulo tenha um reconhecimento grande nos seus falantes.

Independente da origem do crioulo, esta língua foi tratada pelo regime colonial como uma língua africana: foi proibida. A proibição colonial do crioulo permaneceu nos locais onde os portugueses ocuparam até o momento da independência, no ano 1974, que é a data considerada por Portugal. O objetivo era impedir a evolução do crioulo, porque possivelmente suspeitavam que, quanto mais essa língua crescia, mais vantagem a Guiné Bissau teria na luta anticolonial. Assim, para Portugal quem fala crioulo não tem civilização, princípios e é uma pessoa sem caráter.

A proibição por si só não faz do crioulo uma língua africana. Politicamente, esta língua teve um papel muito relevante na luta pela independência. Nos lugares que foram libertados pelo partido PAIGC, desde o começo, o crioulo era usado para convencer o povo a se juntarem na luta armada, por essa causa o crioulo se alastrou com muita força para todo canto do país (Embaló, 2008, p. 103). De acordo com Filomena Embaló (2002, p. 102), apesar do crioulo não ser considerado como língua oficial, isso não impediu de desempenhar maiores funções na sociedade guineense. Ajudando e facilitando na convivência em todas as categorias, tais como, língua de quotidiano e das ruas, língua de comunicação nas instituições públicas, e, até nas discussões que se realizam na Assembleia Nacional quando os políticos estão reunidos. E ao mesmo tempo, serve de suporte da explicação para a maioria dos professores nas escolas no momento da aula. Tem professores e alunos que não tem domínio na própria língua portuguesa, e não só, também não tem um conhecimento aprofundado e aperfeiçoado tanto na fala como na escrita, contrário do crioulo que muitos sabem falar e compreende perfeitamente.

De acordo com Intipe (2018, p. 54) o agrupamento musical “Super Mama Djombo”, deu sua contribuição na expansão do crioulo e desempenhou função importante na sociedade na época da luta através de suas músicas que eram cantadas em crioulo. Porque, com músicas em crioulo chegava mensagem por toda parte deixando a sociedade informada. Nesse sentido podemos apresentar também a presença do crioulo nas músicas guineense até data presente, principalmente na música de agrupamento de tina. Tina é nome de uma música típica da Guiné-Bissau: é um grupo composto por pessoas de toda etnia, onde se expressam seus sentimentos seja bom ou ruim, deixando mensagem para toda população guineense através do crioulo. O crioulo na atualidade de Guiné Bissau, pode-se dizer que é a língua de oportunidades e da relação do mundo guineense, por ser língua em que população guineense

resolvem todos seus problemas, negócios dentro do país, mantendo uma boa convivência de entendimento como; política econômico, social e cultural.

Bem como vimos, o crioulo nasceu numa fase muito difícil, fase em que as pessoas eram escravizadas, maltratadas e em que a vida dessa população não significava nada. Vale ressaltar que, apesar da crueldade da colonização, o uso do crioulo venceu junto com a independência ou é uma vitória conquistada porque conseguiu resistir tornando-se mais vivo ainda nos seus falantes, ocupando cada vez mais não só territórios mas o amor, reconhecimento e a honra dos guineenses.

7- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O uso das línguas africanas, crioulo guineense e preconceito

Nesta última parte da fundamentação teórica, apresentamos a inferiorização e desprezo que vem barrando, limitando as línguas africanas na literatura, negando sua valorização na diáspora. A não aceitação do seu uso, como um direito que deve ser respeitado pelos estudantes não falantes no meio universitário.

Segundo o escritor queniano N'gugi Wa Thiongo, quando ele finalmente tomou a decisão de mudar sua escrita para o kikuyu, sua língua materna, deixando o inglês fora, na Europa surgiram muitos comentários a respeito (Thiongo 1987, Apud. N'Gana, 2018, p. 99. [tradução comentada]). Também apareceram pessoas que demonstraram descontentamento pelo fato do kikuyu ser uma língua africana, e como tal, não poderia *ser tão útil e valioso* a ponto de substituir o inglês. Foi enfrentado com perguntas, segundo ele, naquele momento, era como se ele tivesse cometido um grave erro, feito algo inapropriado, pelo simples fato de reconhecer e valorizar o que seu pelo direito, por voltar no seu próprio mundo e expressar seus saberes e sua literatura em kikuyu. Com essa declaração o autor provoca uma reflexão na maneira de ver e entender como as línguas africanas ainda são menosprezadas. Também mostra como são as pressões sociais para que os próprios falantes abandonassem suas línguas, lutando com o apagamento através da exclusão do seu uso no papel e na escrita, no mundo científico e na literatura, enfatizando aos seus falantes como ela seria ruim ou sem importância.

É neste caso, que o autor Marcos Bagno (2007, p. 75) vai explicar que o pior tipo de preconceito que existe não é aquele que um indivíduo pode fazer com o próximo, mas, aquele que ele tem contra sua própria pessoa. É toda negatividade que pessoa sente e carrega, se inferiorizando ou minimizando em relação ao outro, pegando na mesma linha de preconceito

linguístico de Bago veremos esse ato em alguns alunos guineenses que estão falando mais o português do que deviam ou mesmo quando não precisam, que sentem vergonha ou se sentem ameaçados de falar crioulo na frente dos outros estudantes tendo em conta esse preconceito de ser um idioma africano menos conhecido, e como também por não ser considerada língua de mundo. Até agora existe esse pensamento colonialista do ocidente internalizado na mente de muitas pessoas a respeito de línguas africanas.

Chinua Achebe (2009) aponta a diferença entre ele e o N'gugi wa Thiongo, sobre a preferência de língua em que os africanos devem escrever. N'gugi wa Thiongo optou por seu idioma materno, mas, para Achebe (2009, p. 101) ele não conseguiria escolher entre a língua materna ou o inglês para escrever seus conhecimentos. No meu ponto de vista, concordo com N'gugi wa Thiongo sobre a valorização da língua materna através do seu uso oral ou escrito. Dito isto, porque se estivéssemos numa escala de igualdade na questão linguística -sem diferenciação- faria sentido o conceito de Chinua Achebe, mas, no momento como as nossas línguas são inferiorizadas e ineficientes para o ocidente, eu escolherei a minha língua quantas vezes for, sem pensar duas vezes.

Segundo Chinua Achebe (2009, p. 109-110), o responsável pelos problemas que as línguas enfrentam no continente africano nunca foi a colonização, como N'gugi tentou provar. Ele vai ter uma posição contrária, afirmando que todas as complexidades que as línguas africanas estão enfrentando se deve a existência de muitas línguas étnicas. Ainda ressalta que, foi por esse motivo que alguns países africanos na naquela altura manifestaram seus interesses de aderir línguas dos seus colonizadores como língua oficial, para não permitir que exista uma nacionalidade para cada etnia.

Quanto o meu ponto de vista a respeito dessa explicação de Chinua Achebe, não faz sentido afirmar que as línguas coloniais evitariam que existam muitas nacionalidades: é só uma das estratégias enganosas para implantar os idiomas coloniais, e, ao mesmo tempo de parecer que as línguas europeias são salvadoras das línguas africanas ou da unidade nacional. Após serem impostas na educação missionária de forma violenta, as línguas coloniais no pós independência seriam a solução para resolver problemas do multilinguismo africano. Quando, na verdade, as línguas dos colonizadores foram impostas nas colônias sem consentimento ou desejo por parte dos/as africanos/as. Cabe mencionar que as línguas africanas são mais parecidas entre si do que com qualquer língua europeia.

Se o português houvesse sido inserido pela vontade da população local naquela época da independência, se houvesse sido uma escolha livre dos próprios guineenses abraçar o

português, de que modo explicaremos que após de várias décadas de ter o português como língua oficial do estado independente de Guiné Bissau, apenas um 27,1% da população declara ser falante de português, em relação ao crioulo é falado por o 90,4%, como consta nos dados do INEP do censo 2009. Meu questionamento no que diz respeito a teoria de Chinua Achebe, se esses idiomas estrangeiras europeus e desconhecidos pelos africanos, proveniente de um continente que nunca foi próximo da região subsaariana do continente africano, conseguiram se inserir nas sociedades africana e unir a população através da língua (segundo ele), em que sentido as línguas étnicas africanas seriam um problema para outra língua étnica dentro da África; devemos considerar que os idiomas africanos são mais próximas entre si, e se encontram no mesmo continente, separadas só pelos limites menores que são, país, região, tabanca ou sector, mas, que são línguas das mesmas origem bantu, e, em muitos casos, são inteligíveis entre si.

Assim, este tipo de debates, ao meu modo de ver tem mais a ver com o preconceito linguístico contra as línguas africanas, não querem aceitar a verdade de que as línguas africanas sempre existiram como suas. Conforme Vitor Cassamá (2020, p.48), o “preconceito linguístico”, se refere aos entendimentos das pessoas, a maneira como elas pensam, olham e julgam uma determinada língua dependendo da opinião seja boa ou ruim.

Todo e qualquer preconceito fundamenta-se, basicamente em ideias preconcebidas sobre determinados assuntos específicos. Em geral, é uma forma de aplicação de juízo de valor, ao se considerar aquilo que é ou não é correto, tendo como referência valores e as bases sociais e ideológicas de uma sociedade e de quem reproduz esse comportamento (CASSAMA, 2020, p. 48).

Assim, é importante pensar as línguas como parte das relações de poder, e também como parte dos direitos humanos reconhecidos internacionalmente. A Carta Africana para os Direitos Humanos e Dos Povos, aprovada pela Organização da União Africana em 1979, no seu artigo 2 reconhece a não discriminação por língua, embora não estabelece direitos linguísticos específicos.

Na Declaração Universal dos Direitos Linguístico (1996) se estabelece que “considera como grupo linguístico” a partir do momento que existe pessoas que se juntam e forma uma comunidade que compartilha a mesma língua mesmo estando fora dos seus espaços geográficos e ocupando território de outro povo com suas línguas, e com quem não tem uma histórias em comum. Se refere às pessoas que se mudam do país em busca de algo melhor, pessoas que devido à guerras se deslocam para preservarem suas vidas, aqueles que são refugiados, ou quem é proibido de ficar num país por qualquer tipo de perseguição. Neste caso, percebe-se de certa forma que o território não limita ou impede a formação de determinado grupo linguístico, desde que haja membros daquele país ou comunidade num

mesmo espaço. Podemos dizer assim que essa declaração se direciona exatamente à comunidade guineense na Unilab, tudo indica que no caso dos estudantes guineense, o fato de nosso corpo pode estar fora da Guiné- Bissau, não significa que o nosso crioulo vai sair da nossa boca. Porque a boca é sua casa, seu espaço, sendo assim onde quer que os guineenses estejam estará o crioulo.

Assim, retomando a fala que deu origem a esta pesquisa, não se trata de encontrar um motivo de porque os/as guineenses “gostam de falar em crioulo”, o corpo discente e docente da Unilab precisa compreender que o uso da língua própria é um direito, e que não deveria existir proibição ou censura social para seu uso. Conforme a Declaração Universal dos Direitos Linguístico (1996), no seu artigo artigo 7º dos princípios gerais, estabelece:

1. Todas as línguas são a expressão de uma identidade coletiva e de uma maneira distinta de apreender e descrever a realidade, pelo que devem poder beneficiar das condições necessárias ao seu desenvolvimento em todas as funções.
2. Cada língua é uma realidade constituída coletivamente e é no seio de uma comunidade que ela está disponível para o uso individual como instrumento de coesão, identificação, comunicação e expressão criadora.

Com isso, entendemos que a língua traz consigo todo sentido da vida dos seus falantes , ou seja, expressa, representa a pessoa desde o primeiro momento em que foi escolhido para fazer parte daquele meio. Ainda, a língua é um direito manifestação da escolha de vontade da comunidade, escolha de pertencimento, fortalecimento de laços nacional e não só da comunicação ou de entendimento entre as pessoas para resoluções dos seus problemas ou interesses como também de diferenciação com outras comunidades e de aproximação entre seus donos. De certo modo indica uma questão de coletividade, união e orgulho.

8. REFERÊNCIAS:

ACHEBE, Chinua. A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico : Política e políticos da língua na literatura africana. 2009. P.100-109.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico o que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BARBOSA, José Augusto. **LÍNGUA E DESENVOLVIMENTO: O CASO DA GUINÉ-BISSAU.** Dissertação (Mestrado em línguas e culturas portuguesa)- faculdade de letras, Universidade de Lisboa. 2015.

CASSAMA, Vitor. **ENTRE AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E PRECONCEITO: UMA DISCUSSÃO SOBRE O CRIOULO GUINEENSE**. TCC (Graduação em Letras-Línguas Portuguesa)- Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. SÃO FRANCISCO DE CONDE, 2020, p. 48-55.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS LINGUÍSTICOS, Barcelona, 1996. Disponível em: [dec_universal_direitos_linguisticos.PDF](#) (dhnet.org.br) Acesso 15 de novembro de 2023.

Duarte, Rosália. Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. Caderno de pesquisa, Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. n. 115, p. 139-154, 2002.

EMBALÓ, Filomena. O CRIOULO DA GUINÉ-BISSAU:LÍNGUA NACIONAL E FACTOR DA IDENTIDADE NACIONAL. **PAPIA** 18, 2008.

INTIPI, Bernardo Alexandre. **Unidade Linguística na diversidade linguística: O caso do GUINÉ-BISSAU**. TCC (Graduação em Letras-Língua Portuguesa)- Instituto de Humanidades e Letras, Universidade Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. SÃO FRANCISCO DE CONDE, 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. Recenseamento geral da população e habitação 2008. Bissau, 2009.

Kilomba, Grada. **Memórias das plantações, episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

N'GANA, Yéo. Uma tradução de Décoloniser l'espirt de Ngugi wa thiong'o: RÓNAI: **REVISTA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E TRADUTÓRIOS**-2018 V. 6 N. 2-pp. 93-102-UFJF- JUIZ DE FORA

ORGANIZAÇÃO DA UNIÃO AFRICANA. **Carta africana dos direitos humanos e dos povos**. Monrovia, 1979. Disponível em:

[Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos.pdf \(caicc.org.mz\)](#)

TIMBANE, Alexandre António e MANUEL, Catia. O CRIOULO DA GUINÉ-BISSAU É UMA LÍNGUA DE BASE PORTUGUESA? EMBATE SOBRE OS CONCEITOS. Revista de Letras JUÇARA, Caxias-Maranhã, v. 02, n. 02, p. 107-126, dez. 2018, 101. grada kilomba não está na sua bibliografia?

9. CRONOGRAMA

ETAPAS	PERÍODO (meses) ANO 2024										
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro

Revisão bibliográfica	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
Observações e análises das situações	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
Pesquisa de campo		x	x			x					
Coleta de dados			x		x		x				
Análise do dados			x	x	x						
Redação do trabalho final											x

10. ANEXOS

10.1 Formulário para estudantes falantes do crioulo

Você fala crioulo em quais circunstâncias?

Em quais momentos você fala o português? Você se sente confortável ao se expressar em português?

Já falou crioulo na frente de pessoas que não são falantes?

Como se sente falando crioulo fora da Guiné-Bissau? Por quê?

Já presenciou alguns comentários negativos dos alunos, professores, técnicos ou vizinhos no que diz respeito à utilização de língua guineense? Se sim, como se sente ao deparar com essa situação?

10.2 Tradução para crioulo

Kal ki mumentus kuta papia kriol?

Kal ki mumentu kuta papia portuguis, buta sinti ben ora kuna papia portuguis?

Bu tchiga di papia kriol na metadi di djintis kika sedu guineensis?

Kuma ku sinti manera kuta papia kriol fora di Guiné-Bissau, pabia?

Bu tchiga di mati nunde k alunus, pursoris, tekiniku o vizinhos na papia mal di usu di? lingua guineensi, su mati, kuma ku sinti manera ku odja si situason?

10.3 Formulário para estudantes não falantes do crioulo

1-Qual foi a sua primeira impressão ao escutar os guineenses a falarem crioulo?

2-Quais são os pontos negativos e positivos dos guineenses ao falarem crioulo dentro na universidade?

3-Na tua opinião, o que os guineenses deviam mudar no que diz respeito ao uso do crioulo dentro da universidade?

4-Qual é sua experiência no que diz respeito a essa língua?

5-Você acredita que essa experiência irá exercer alguma influência na sua futura prática profissional?

6-Você alguma vez se incomodou ao escutar uma pessoa a falar crioulo dentro da universidade. Você conhece alguém que se incomodou? Relate a situação?

7-Foi fácil adaptar com esse tipo de ambiente multilíngue dentro da universidade?

9-Você já pensou em aprender e falar essa língua?

10-Você acha que falar crioulo dentro da universidade pode influenciar no aprendizado dos guineenses?

11- Porque você acha que os guineenses falam crioulo na unilab e no brasil?